

ESTUDO DO –S EM CODA SILÁBICA: UMA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA

*Bianca Florencio**
*Cláudia de Souza Cunha***

RESUMO: O artigo é um estudo de investigação linguística sobre a variação do –S em coda silábica na fala de informantes do município de Niterói – cidade localizada na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Para tal investigação, foram utilizados o modelo funcionalista de Talmy Givón e a Fonologia de Uso, de Joan Bybee. Pretende-se observar o comportamento do –S em coda nas posições interna e externa e o que propiciaria sua mudança sonora. Busca-se traçar um contínuo com os dados examinados e analisar qual o papel da frequência na realização das não-palatais de –S em coda.

PALAVRAS-CHAVE: Variação, Fonologia de uso, Frequência de tipo, Frequência de ocorrência.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho orienta-se para um esboço do comportamento do –S em coda silábica no município de Niterói. O fenômeno do –S posvocálico possui seis variáveis que foram aqui consideradas: a) as variantes palatais surda e sonora ([ʃ] e [ʒ], respectivamente); b) as sibilantes surda e sonora ([s] e [z], respectivamente); c) a fricativa glotal ([h]); d) o cancelamento ([∅]).

Sabe-se que cada grupo humano possui sua linguagem própria e expressões que os caracterizam e que essa manifestação lingüística varia em função de alguns fatores. Há alguns séculos, estudos foram sendo desenvolvidos com o intuito de examinar o sistema lingüístico e um desses estudos é o Funcionalismo.

* Mestranda em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, bolsista CNPq, participante do projeto Atlas Linguístico do Brasil - Rio de Janeiro - biancaflorencio@gmail.com

** Orientadora. Professora Doutora da UFRJ, Coordenadora regional do Atlas Linguístico do Brasil – Rio de Janeiro.

Segundo Neves (2004:1), caracterizar o Funcionalismo não é uma tarefa fácil, pois os “rótulos que se conferem aos estudos ditos “funcionalistas” mais representativos geralmente se ligam diretamente aos nomes dos estudiosos que os desenvolveram, não a características definidoras da corrente teórica em que eles se colocam.” Assim, o que se pode entender com essa afirmação é que há várias teorias sob o rótulo de “funcional”.

De uma forma geral, a Teoria Funcionalista vê a língua como um instrumento de interação social, cujos elementos são analisados e descritos a partir de sua função no ato da comunicação. É a partir do uso que se investiga a linguagem, sendo esta uma “entidade não suficiente em si” (NEVES, 2004:39).

Para explicar o caso de variação aqui trabalhado, serão utilizados o modelo funcionalista de Talmy Givón (1979), que busca a relação entre discurso e gramática, propondo um *continuum*, e a Fonologia de Uso, de Joan Bybee, que propõe que a frequência possui importante papel na mudança sonora – e que tem relação com a teoria da Difusão Lexical.

Pretende-se observar como se comporta o –S posvocálico em posição interna e externa; o que pode vir a ocasionar uma mudança sonora; se é possível ou não traçar um contínuo a partir dos dados analisados; e qual o papel da frequência na realização das não-palatais de –S em coda silábica.

1. PERSPECTIVA TEÓRICA

1.1 FUNCIONALISMO

Como dito anteriormente, caracterizar o funcionalismo não é algo fácil, pois várias propostas são abrigadas sob o mesmo rótulo. Contudo, entende-se que, de uma forma geral, a teoria funcionalista compreende a língua como um instrumento de interação social e que não pode ser vista como um objeto autônomo, pois sua estrutura é submetida às pressões oriundas de situações comunicativas.

Neves distingue duas grandes correntes do pensamento lingüístico que se contrapõem: o funcionalismo e o formalismo. Os funcionalistas vêem a linguagem como uma “entidade não suficiente em si” (2004:39), já os formalistas entendem “a linguagem como um objeto autônomo, investigando a estrutura lingüística independente do uso” (2004:39).

Para um melhor entendimento das duas correntes, Neves elaborou um quadro comparativo que aqui reproduzo:

	PARADIGMA FORMAL	PARADIGMA FUNCIONAL
Como definir a língua	Conjunto de orações.	Instrumento de interação social
Principal função da língua	Expressão dos pensamentos	Comunicação.
Correlato psicológico	Competência: capacidade de produzir, interpretar e julgar orações.	Competência comunicativa: Habilidade de interagir socialmente com a língua.
O sistema e seu uso	Estudo da competência tem prioridade sobre o da atuação.	O estudo do sistema deve fazer-se dentro do quadro do uso.
Língua e contexto/situação	As orações da língua devem descrever-se independente-mente do contexto/situação.	A descrição das expressões deve fornecer dados para a descrição de seu funcionamento num dado contexto.
Aquisição da linguagem	Faz-se com o uso de propriedades inatas, com base em um <i>input</i> restrito e não-estruturado de dados.	Faz-se com a ajuda de um <i>input</i> extenso e estruturado de dados apresentado no contexto natural.
Universais lingüísticos	Propriedades inatas do organismo humano.	Explicados em função de restrições: comunicativas; biológicas ou psicológicas; contextuais.
Relação entre a sintaxe, a semântica e a pragmática	A sintaxe é autônoma em relação à semântica; as duas são autônomas em relação à pragmática; as propriedades vão da sintaxe à pragmática, via semântica.	A pragmática é o quadro dentro do qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas; as prioridades vão da pragmática à sintaxe, via semântica.

Tabela 1: Paradigma Formal *versus* paradigma Funcional segundo Neves (2004:46-47)

Visto isso, percebe-se que, no funcionalismo, é a partir da situação sócio-comunicativa que a língua se desenvolve, expandindo também sua estrutura gramatical denominada “gramática funcional”. Segundo Vieira (2001:72)

Concebendo a língua como um veículo de interação sócio-comunicativa, a perspectiva funcional visa a descrever e explicar todo o sistema de regras que regem as expressões lingüísticas configuradas como instrumentos nessa interação. Ao comunicar-se, o indivíduo organiza seu discurso em função da natureza e dos propósitos do evento de fala. É, por conseguinte, a situação real de comunicação que enseja as estruturas lingüísticas, com suas respectivas peculiaridades e variações de formas. A sensibilidade da gramática às situações de uso deve-se ao fato de que as categorias lingüísticas são nocionalmente motivadas. A gramática é vista, portanto, como uma estrutura maleável e dinâmica, que corresponde às necessidades comunicativas de interação e representação e às motivações e restrições cognitivas.

1.1.1. TALMY GIVÓN

Um dos pioneiros do funcionalismo – difundido na década de 70 – nos Estados Unidos, Talmy Givón entendia a língua como um instrumento de interação social, que não possuía um fim em si mesma e que existia em função da comunicação. Em 1979 publica um texto intitulado “From discourse to syntax: Grammar as a processing strategy”, em que traça “relações intrínsecas entre discurso e gramática, considerando o primeiro como gerador do segundo” (ROSÁRIO, 2007:94). Assim, Givón formulou a seguinte escala de mudança lingüística:

DISCURSO > SINTAXE > MORFOLOGIA > MORFOFONÊMICA > ZERO

Nobre (inédito:1) pontua que, para Givón, “tudo nasce no discurso e morre na morfofonologia”. No início não há regularidade de uso, mas com o uso e a repetição inicia-se uma regularização que vai exercendo “uma pressão tal que faz com que o que no começo era casuístico se fixe e se converta em norma” – são pressões mecânicas ocasionadas pela repetição. Esse processo se dá de forma inconsciente no usuário da língua. Givón propõe, com isso, que as formas discursivas sejam localizadas num *continuun*, o que implica uma variabilidade lingüística.

Em 1986, Givón amplia a teoria dos protótipos, proposta por Rosch na década de 70. Nessa teoria, considera-se um protótipo o item que possui todos os traços característicos da sua categoria. Os outros elementos que não compartilham a mesma quantidade de traços – possuindo só alguns – são considerados elementos marginais, podendo até migrar para outras categorias. Um dos fatores importantes para a identificação de um protótipo é a frequência de uso – que também possui grande importância na Fonologia de uso.

Givón foi considerado um funcionalista extremista em 1979 por negar a existência da estrutura e reduzir a gramática ao discurso, contudo, em suas obras

mais adiante, ele acentua a natureza abstrata e formal da estrutura sintática, se enquadrando na linha considerada moderada do funcionalismo.

1.1.2. FONOLOGIA DE USO

A Fonologia de Uso foi proposta por Joan Bybee – teoria que analisa conjuntamente o nível fonético e o fonológico – assumindo que “as representações fonológicas expressam generalizações que falantes depreendem a partir da experiência com o uso da língua” (CRISTÓFARO-SILVA, 2003:224).

Em 1998, Bybee põe em discussão o léxico. Questiona se ele exista porque emerge da experiência lingüística de armazenamento (que é de natureza diferente da concepção tradicional de léxico) e diz não ser real a separação do léxico da gramática. Expõe que a memória consiste em um largo armazenamento de unidade de vários tamanhos, com vários graus de resistência e produtividade e que as unidades estão em conexão umas com as outras, em um modelo de rede.

The model described here, which I will call the Network Model, is highly redundant since the same string of features, that is, the same morpheme or word, can occur in many different combinations. This redundancy does not entail that any valid generalizations are being missed: it is, of course, an empirical question what type of generalizations native speakers make, but all of these can be captured in schemas which can be formulated in varying degrees of abstraction. (BYBEE, 1998:422)

Bybee (2000:251) apresenta sua proposta de que o uso freqüente de padrões vem a ser convencionalizado, ou fossilizado, como um padrão gramatical e que a repetição pode vir a operar um processo de gramaticalização ou criação de uma nova gramática. Essa repetição em alta freqüência pode ocasionar mudanças de som em progresso em itens lexicais: “with more frequently-used words undergoing change at a faster rate than less-frequently used words”.

Bybee (2001) divulga a Fonologia de Uso, que sugere que a forma como a língua é usada afeta o modo como é representada e estruturada. Esta teoria propõe que “o conhecimento lingüístico é organizado em representações múltiplas alinhavadas em redes interconectadas. Tais redes gerenciam relações em diversos níveis: segmental, silábico, morfológico, sintático, pragmático, social, etc.” (CRISTÓFARO-SILVA, 2006:172). Bybee expõe os seguintes princípios básicos do seu modelo:

- a) a experiência afeta a representação: o uso e os padrões de produção e percepção afetam a representação na memória;
- b) a representação mental dos objetos lingüísticos tem a mesma representação mental de outros objetos não-lingüísticos;

- c) a categorização é baseada na identidade e na similaridade;
 - d) as generalizações sobre formas não são separadas da representação dessas formas, mas emergem diretamente delas. As generalizações são consequência das relações de similaridade fonética e semântica estabelecidas entre as formas armazenadas;
 - e) a organização lexical permite generalizações e segmentações em vários graus de abstração e generalidade;
 - f) o conhecimento gramatical é um conhecimento procedimental.
- (GUIMARÃES, 2004:40-41)

O modelo baseado no uso dá grande importância à frequência como difusora da mudança sonora. Bybee (2000:252) já ressaltava essa importância:

My interpretation of the frequency effect in the diffusion of sound change (following Moonwomon 1992) is that sound change takes place in small increments in real time as words are used. The more a word is used the more it is exposed to the reductive effect of articulatory automation. The effects that production pressures have on the word are registered in the stored representation, probably as an ever-adjustments range of variation. Thus words of higher frequency undergo more adjustments and register the effects of sound change more rapidly than low frequency words.

Bybee define dois tipos de frequência: frequência de *token* e frequência de *type*, (ou frequência de ocorrência e de tipo, respectivamente).

- 1) **Frequência de ocorrência (*token*)** = A frequência de ocorrência refere-se a quantas vezes uma unidade, geralmente uma palavra, ocorre em um corpus oral ou escrito. A frequência de ocorrência possui dois efeitos distintos: um deles é que a mudança foneticamente motivada (na maioria das vezes, assimilação e redução) progride mais rapidamente nas palavras mais frequentes. Esse efeito é relacionado ao fato de que a língua muda no tempo real, e, portanto, quanto mais uma palavra é usada, mais chances ela tem de ser modificada. O outro efeito da frequência de ocorrência é que os itens lexicais mais frequentes são mais resistentes a mudanças que ocorrem por generalização. Esse tipo de mudança ocorreria “quando falha a memória”. Então, quanto mais uma palavra é usada, mais forte (e mais recente) ela fica na memória. Por isso, mudanças que ocorrem por nivelamento analógico tendem a atingir palavras menos frequentes primeiro.
- 2) **Frequência de tipo (*type*)** = A frequência de tipo refere-se à frequência de dicionário de um padrão particular. O sufixo “-eiro”, por exemplo, tal como ocorre nas palavras *padeiro, sanfoneiro, perueiro*, seria um tipo. O sufixo “-s” marcador de plural no

português, como em *casas*, seria um outro tipo. A seqüência [tʃ], como ocorre nas palavras *ginástica* e *estica*, também seria exemplo de um tipo. Uma unidade sonora, como um tʃ ou um dʒ, também pode ser considerada um tipo. A freqüência de tipo tem efeito direto na produtividade de determinados padrões. O termo produtividade diz respeito à probabilidade de determinado padrão se aplicar a novos itens. Quanto mais freqüente for um padrão, mais chances ele terá de se aplicar a novos itens no léxico. (GUIMARÃES, 2004:41)

É importante salientar que a mudança sonora apresenta uma gradualidade fonética nas representações lexicais, o que faz lembrar a Teoria da Difusão Lexical, que se propaga através da mudança sonora no léxico.

2. METODOLOGIA

A presente pesquisa tem por objetivo realizar uma breve análise, no município de Niterói – localizado na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro –, do comportamento do -S em coda silábica tanto em posição interna, quanto externa, e avaliar quais fatores podem determinar sua realização.

Para esse estudo, foram escolhidos quatro informantes: dois do sexo masculino e dois do sexo feminino (sendo um homem e uma mulher entre 18 e 35 anos e um homem e uma mulher de 56 anos em diante).

Para a recolha do *corpus* foi aplicado um questionário de cunho fonético-fonológico – o mesmo utilizado nas entrevistas para o Projeto Atlas Lingüístico do Brasil (ALiB) – constituído por 159 questões que abrangem outros fenômenos além do -s em coda; e feitas entrevistas do tipo DID (diálogos entre inquiridor e informante) com duração de uma hora.

As entrevistas foram gravadas em formato digital e em fita cassete, que em seguida foram digitalizadas. Com as entrevistas dos quatro informantes, distribuídos por sexo e duas faixas etárias, obteve-se em cerca de seis horas de gravação 1.337 dados.

3. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Neste experimento observaram-se, inicialmente, as seis variáveis dependentes propostas e se obteve o total de 1337 dados do fenômeno com a seguinte distribuição:

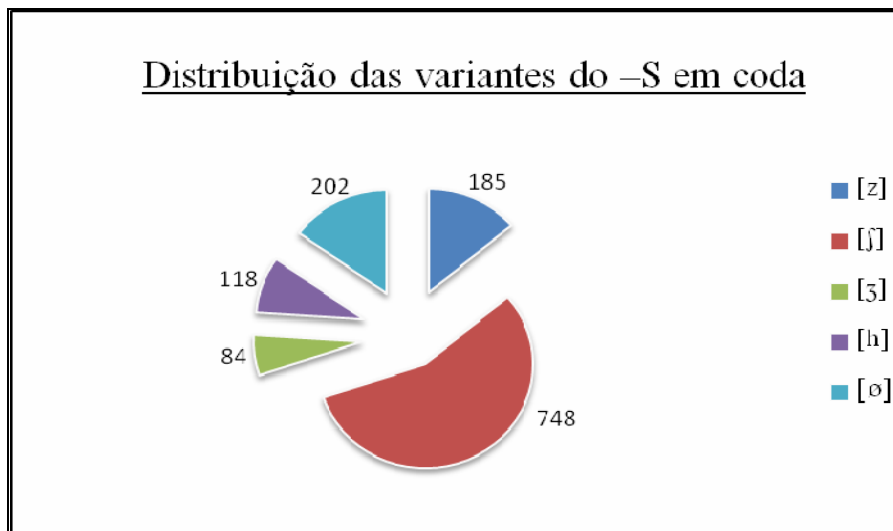


Gráfico 1: Distribuição das variantes do –S em coda

Como se pode observar, há, na região estudada, um predomínio da variante palatal, sendo, portanto, a norma padrão da localidade. Os dados obtidos para as alveolares correspondem somente à variante [ʒ], não ocorrendo sua correlata surda [ʒ̃]. Constatou-se, contudo, que os 185 dados da variante [ʒ] se devem a presença do contexto –S seguido de vogal, conforme demonstram os dados:

- a) Pego *seis* anos de cadeia
- b) Diazepan *faz* efeito
- c) mas ele não *quis* ué
- d) aí fomos pro *juiz* e tudo
- e) isso aqui nós *moramos* assim
- f) tinha mais ou *menos* oito metros

Isso ocorre devido ao fenômeno da ressilabação: diante de vogal a variante passa a [ʒ] e forma uma nova sílaba com essa vogal seguinte, mudando a posição desta variante, que de coda passa a posição de ataque e simplifica a sílaba, como relata Mota (2002:31):

Antes da vogal inicial do vocábulo seguinte, a consoante, em geral, deixa de figurar em coda silábica, passando à posição pré-vocálica, com a modificação da estrutura silábica para CV, como em duas aves, os óculos.

Por só se apresentar nesse contexto, as alveolares foram descartadas da análise. Sendo assim, seguiu-se a análise com três variantes: palatais, aspiradas e zero fonético (ou apagamento), ficando, então com um total de 1152 dados,

distribuídos da seguinte forma: palatais ([ʃ] e [ʒ]) com 832 dados; aspiradas com 118; e apagamento com 202 dados. Separando os dados em *posição da variável no vocábulo*, puderam-se obter os seguintes números:

• **Posição externa**

	Palatal ([ʃ] e [ʒ])	[h]	[ø]
Ocorrência	285/536	73/536	178/536
Porcentagem	53	14	33

Tabela 2: Posição externa da variante no vocábulo.

Observa-se, nesta tabela, que a palatal realiza-se em 53% dos casos, sendo seguida pela variante zero com 33% e pela variante aspirada com, somente, 14%. Focalizando o elemento subsequente às variantes (consoante, pausa ou vogal), podemos contatar que: a palatalização ocorre com os três elementos subsequentes, sendo que a maior realização se dá diante de consoante – diante de vogal sua realização é mínima; a aspiração não ocorre diante de pausa e é praticamente categórica a sua realização diante de consoante; e o apagamento, assim como a palatalização, ocorre nos três contextos, sendo que diante de consoante sua realização é maior. Para um melhor entendimento, segue uma tabela comparando as três variantes em cada contexto.

	Palatal	Aspirada	Apagamento	Total de ocorrências
Pausa	136	0	28	164
Consoante	147	71	124	342
Vogal	2	2	26	30

Tabela 3: Realização das variantes externas nos contextos subsequentes.

• **Posição interna**

	Palatal	[h]	[ø]
Ocorrência	547/616	45/616	24/616
Porcentagem	89	7	4

Tabela 4: Posição interna da variante no vocábulo.

O que se observa nessa tabela é que a manutenção da palatal em meio de palavra é muito forte, tendo somente 11% de realização não-palatal nesse contexto. Isso demonstra que no interior da palavra a mudança demora mais a ocorrer, mas não deixa de ocorrer. Segundo Bybee (2000:251):

ESTUDO DO –S EM CODA SILÁBICA: UMA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA

(...) when the alternating environment is inside of a word, the change can be retarded even in the appropriate environment, but eventually an alternation can be created, showing, again, restructuring of the lexical representations are restructured of the word.

Vale ressaltar que, desses 69 dados (11%), 64 são ocorrência dos vocábulos *mesmo* e *desde* – sendo que esses dois vocábulos possuem somente 21 dados palatais –, o que nos faz analisarmos estes vocábulos quanto à questão da frequência de ocorrência adiante.

Chamam-nos a atenção dois aspectos vistos nos dados tanto em posição externa quanto em posição interna: a questão da *faixa etária* e do *tipo de resposta* (questionário *versus* fala espontânea).

Em posição interna e externa, os jovens são os que mais utilizam as variantes *aspirada* e *apagamento*, como se pode verificar nos gráficos abaixo:

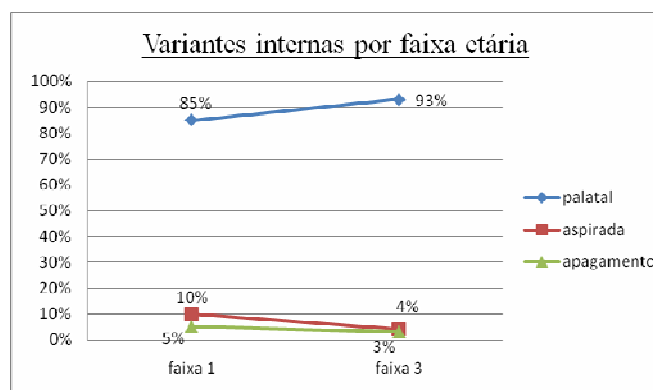


Gráfico 2: variantes internas por faixa etária

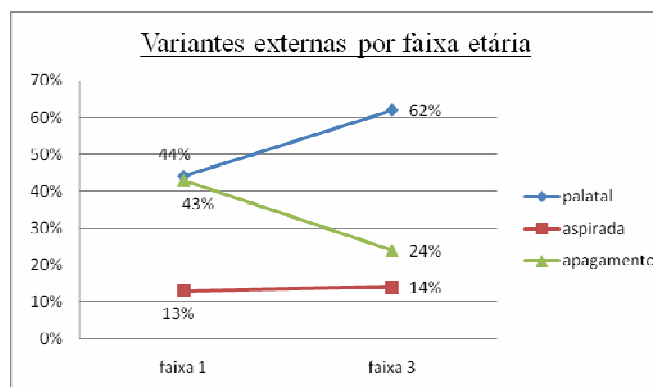


Gráfico 3: variantes externas por faixa etária

ESTUDO DO –S EM CODA SILÁBICA: UMA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA

Com isso, o que se percebe é que ocorre uma variação de mudança de som em progresso: os jovens tendem a usar mais as variantes inovadoras do que os mais velhos. Em posição interna, apesar da pouca realização de não-palatal, quem lidera essa mudança são os indivíduos da faixa 1, assim como na posição externa. Nesta última posição, é interessante destacar que a realização do apagamento pelos jovens praticamente se encontra com o mesmo índice de ocorrência que a da palatal, sendo 43% de apagamento e 44% de palatal.

Pode-se aplicar, então, aqui, a idéia de *continuun* de Givón. Como em limite de palavra é muito mais suscetível as várias realizações de –S, entende-se que com a repetição iniciou-se a regularização da não-palatal que chega a ultrapassar a realização palatal (norma padrão na região estudada) no caso dos jovens. Já no interior da palavra a situação difere: a palatal se faz presente em maior número tanto na faixa 1 quanto na faixa 2, mas já há casos de apagamento e aspiração nesta posição.

Em tipo de resposta, o estilo *monovocabular* apresentou porcentagem muito favorável à palatalização tanto em contexto interno, quanto em contexto externo de palavra; já no estilo *cadeia fônica*, há uma diferença que acompanha – claro – o que foi visto como um todo em *posição da variável no vocábulo*: no contexto interno o que se vê é uma grande realização de palatais (por motivo já tido anteriormente); no contexto externo há um equilíbrio entre *palatal* e *não-palatal*, como podemos ver nas seguintes tabelas:

	Questionário		
	Palatal	[h]	[ø]
C. interno	99%	1%	0
C. externo	83%	4%	13%

Tabela 5: Porcentagem de respostas *monovocabulares* obtidas nas gravações.

	Fala espontânea		
	Palatal	[h]	[ø]
C. interno	87%	8%	5%
C. externo	50%	15%	35%

Tabela 6: Porcentagem de respostas em *cadeia fônica* obtidas nas gravações.

Esse alto índice de realização de palatal com o uso do questionário nos leva a crer que os fenômenos de aspiração e apagamento são inibidos quando ao *tipo de resposta* por se sentirem mais monitorados tanto por eles próprios, quanto pelo entrevistador, que faz a pergunta já com intenção de obter tal resposta.

Ao contrário da *faixa etária*, o *gênero* não apresentou relevância quanto à variação da do –S em coda silábica.

3.1 A RELAÇÃO DAS FREQUÊNCIAS COM O *CORPUS*

Bybee propôs um modelo de léxico mental em que as palavras se encontram organizadas de forma ordenada, possuindo agrupamentos de acordo com a identidade ou com a similaridade fonológica e semântica e que os falantes depreendem as generalizações das representações fonológicas a partir das suas próprias experiências com o uso lingüístico. Quanto maior for a frequência de determinada palavra (ou determinado padrão), maior são suas chances de sofrer uma modificação (ou de se aplicar a novos itens).

A autora estabelece, então, dois tipos de frequência: a de ocorrência – que está ligada a frequência um item em específico dentro da fala –, e a de tipo – que corresponde à frequência de um determinado padrão no léxico, como morfemas, afixos etc.. Avaliemos, então, esses dois tipos de frequência no *corpus* estudados.

3.1.1. FREQUÊNCIA DE OCORRÊNCIA

Inicialmente, veremos a *frequência de ocorrência* das realizações não-palatais dos dados (sem distinguir a posição da variante no vocábulo). Assim, obteve-se o seguinte quadro:

Dados (em ordem de frequência)	Número de ocorrência de não-palatal	% da realização não-palatal
1. mas/mais	76/119	64%
2. mesmo	59/76	78%
3. festa	0/30	0%
4. depois	20/30	66%
5. dois	9/23	39%
6. três	8/23	35%
7. faz	7/18	39%
8. Deus	6/14	43%
9. escola	0/14	0%
10. dez	2/13	15%
11. vez	5/12	42%
12. ônibus	2/10	20%
13. antes	10/10	100%

Tabela 7: Frequência de ocorrência das realizações não-palatais

Observa-se que nem todos os itens mais frequentes tendem a não-palatalização, chegando alguns a não terem realização de não-palatal. Contudo, esses itens são os que possuem realização interna ao vocábulo – o que ratifica a

ESTUDO DO –S EM CODA SILÁBICA: UMA PERSPECTIVA FUNCIONALISTA

questão de que no interior da palavra a mudança demora mais a ocorrer. Vejamos, então, esta tabela com os três itens mais freqüentes e com uma única exceção de um item menos freqüente que muito chama a atenção:

Dados (em ordem de freqüência)	Número de ocorrência de não-palatal	% da realização não-palatal
1. mas/mais	76/119	64%
2. mesmo	59/76	78%
3. depois	20/30	66%
4. antes	10/10	100%

Tabela 8: Freqüência de ocorrência das realizações não-palatais

Os vocábulos *mas/mais* possuem 64% de realização não-palatal. Para verificar se essa mudança se dá no léxico ou é influenciada por algum contexto sonoro, foi-se aos dados para averiguar qual o segmento seguinte nesse caso. Verificou-se que, apesar de haver um grande número de nasais após os vocábulos *mas/mais*, a realização da não-palatalização se dá com qualquer elemento subsequente:

- | | |
|-----------------------------------|------------------------------|
| a) mah lá em cima | j) perigoso maø cada um sabe |
| b) mah num ta | seguir |
| c) mah do nada | k) com muito medo maih não |
| d) mah a gente vai tentando | l) ah não maih dez não |
| e) sem perna mah dá pra ir | m) nunca maih ficou o mesmo |
| f) ficava de cara feia maø ficava | n) ele era bem maiø magro |
| g) vai rolá maø vai abafa | o) maiø baseado |
| h) maø rodiá assim | p) aí é maiø rápido |
| i) eu faço certo maø pra mim | q) maiø pra zoar |

Entende-se, portanto, que as realizações são conseqüência de generalizações das relações de similaridade fonética e semântica estabelecidas entre as formas armazenadas.

Com os vocábulos seguintes ocorre a mesma coisa que se viu para os vocábulos *mas/mais* – com exceção do vocábulo *mesmo* que a variação se dá no interior da palavra, ocasionando ter somente um tipo de segmento subsequente.

O vocábulo *depois*, tem-se os seguintes segmentos subsequentes:

- | | |
|--------------------------------|------------------------------------|
| a) depoih que eu andei tomando | c) aí depoh meu marido ligo |
| uns | d) o que vem depoiø do dois...três |
| b) aí depoiø de São Gonçalo | e) acho que era depoh da sua casa |

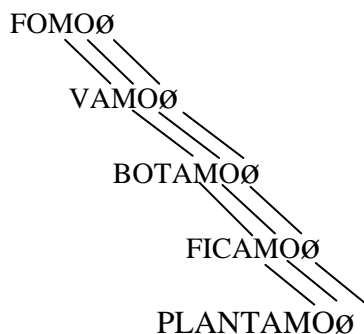
f) com dois anos depois eu planejei

O vocábulo *antes* possui 100% de realização não-palatal, sendo mais específico de apagamento. Realiza-se com zero fonético diante de nasais, oclusivas, africadas, vogais e pausa.

O vocábulo *mesmo*, como já dito, só ocorre diante da nasal por ser uma realização interna da variante. Este único dado de variação em posição interna reforça a teoria de Bybee de que os falantes categorizam (mais de uma vez) diferentes itens no léxico, que são armazenadas na memória do falante e constantemente atualizadas devido à experiência desse falante. A frequência é um fator muito importante nesse armazenamento, pois palavras mais frequentes se fortalecem mais e são mais facilmente acessadas do que palavras menos frequentes – que ficam à margem dos armazenamentos. Por serem mais robustas e de fácil acesso, as palavras mais frequentes se tornam o protótipo para o falante, enquanto as menos frequentes ficam à margem das realizações. Observa-se aqui uma difusão lexical do vocábulo *mesmo* fortalecida pela frequência de uso, que postula que o armazenamento mental é feito mediante a palavra e não mediante os sons individuais – assim como a Difusão Lexical.

3.1.2. FREQUÊNCIA DE TIPO

A *frequência de tipo* foi observada na realização da variante não-palatal no *corpus* em um caso: forma verbal terminada em *-mos*. Em 48 casos, somente 9 se realizaram como palatais, as outras 39 foram produzidas todas como apagamento em 19 palavras lexicais diferentes, o que nos leva ao modelo de *Network*. Para exemplificar essa representação mental em rede, utilizaremos algumas das formas verbais terminadas em *-mos*:



Esquema1: Modelo de *Network* da forma verbal terminada em *-mos*.

CONCLUSÃO

O presente trabalho analisou as variantes de –S em coda silábica, em posição interna e externa a partir da visão funcionalista, no município de Niterói – cidade localizada na região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro.

Foram analisadas as entrevistas de quatro informantes: dois do sexo masculino e dois do sexo feminino (sendo um homem e uma mulher entre 18 e 35 anos e um homem e uma mulher de 56 anos em diante). Foram obtidos inicialmente 1337 dados, mas para a análise foram considerados 1152, pois a realização da alveolar sonora foi descartada por só ocorrer diante de vogal e com isso sofrer processo de ressilabação.

Os dados em posição interna não se mostraram muito favoráveis a variação do fenômeno estudado, o que confirma a afirmação feita por Bybee (2000) de que os itens nesta posição podem ser retardados até em ambientes favoráveis à mudança, mas podem ocorrer como foi visto com o vocábulo *mesmo*.

Em posição externa foi possível estabelecer um *continuun* nas realizações das variantes:

	Palatal	Aspirada	Apagamento	Total de dados
Posição externa	53%	14%	33%	536

Tabela 9: O *continuun* nas variantes do –S em coda

Houve uma grande frequência dos itens não-palatalizados, confirmando a proposta da Fonologia de Uso de que as representações fonológicas exprimem as generalizações que os falantes percebem a partir de suas próprias experiências de uso da língua. Pode-se contatar que tanto a *frequência de ocorrência* quanto a *frequência de tipo* influenciam na organização das representações mentais dos falantes, pois tornam os itens mais frequentes mais robustos e fáceis de acessar no seu armazenamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, Joan. The emergent lexicon. CLS 34: the panels. *Chicago Linguistics Society*. 1998:421-435.

_____. Lexicalization of sound change and alternating environments. In: M. Broe and J. Pierrehumbert (eds.). *Laboratory phonology V: Acquisition and the lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press. 2000:250-268.

CRISTÓFARO-SILVA, T. *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 7ª. ed. São Paulo: Ed. Contexto. 2003.

_____. Modelos Multi-representacionais em Fonologia. In: MARCHEZAN, Renata C.; CORTINA, Arnaldo (orgs). *Os fatos da linguagem, esse conjunto heteróclito*. Araraquara: Ed. Cultura Acadêmica. 2006:171-185.

GUIMARÃES, Daniela M. L. O.. *Seqüências de (sibilante + consoante) no português de Belo Horizonte*. Dissertação de Mestrado em Lingüística. Belo Horizonte, Faculdade de Letras, UFMG. 2004.

MOTA, Jacyra Andrade. *O –S em coda silábica na Norma Culta de Salvador*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ. 2002.

NEVES, Maria H. de M.. *A gramática funcional*. 3ª tiragem. São Paulo: Ed. Martins Fontes. 2004.

NOBRE, Mônica M. do R.. *O funcionalismo de Talmy Givón – idéias dispersas e esparsas*. Inédito.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. *Aspectos sintáticos e semânticos do como na linguagem padrão contemporânea*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ. 2007.

VIEIRA, Marcia dos S. M.. *Sintaxe e semântica de predicções com verbo fazer*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ. 2001.

STUDY OF –S IN SYLLABLE CODA: A FUNCTIONALIST PERSPECTIVE

ABSTRACT: The article is a linguistic research into the variation of –s in the syllable coda, with regard to the speech carried out by subjects from the city of Niterói – established in the downtown area in the State of Rio de Janeiro. For such research, Talmy Givón’s functionalist model and Joan Bybee’s Usage-Based Phonology were utilized. We intend to observe how syllabic –S in coda works in internal and external position and what causes its sound to change. This research attempts to draw a continuum with the data examined and to analyze what is the role of frequency in the realization of the non-palatal of the –S in coda.

KEY WORDS: Variation, Usage-Based Phonology, Type frequency, Token frequency

Recebido em 27 de julho de 2009; aprovado em 17 de agosto de 2009